

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 36

2018

Nº 218

JANEIRO - FEVEREIRO

Não aderimos ao último acordo ortográfico

| Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão : | Índice | Página |
|--|--------------------------------------|-----------|
| | Editorial | 2 |
| Calçada do Tojal, 95, s/c | Discurso no túmulo de Kardec | 4 |
| 1500-592 Lisboa | Espiritismo: o Consolador... | 7 |
| Telefone : 217 647 441 | Ama a tua dor | 9 |
| * | Viagens à Terra da Ignorância | 13 |
| Director Responsável : | Quando o homem quiser ... | 15 |
| Manuela Vasconcelos | Sêde Perfeitos | 16 |
| * | O Alzheimer sob a óptica... | 19 |
| | Pessoa menos obsedável | 23 |
| Tiragem : 150 exemplares | A comunicação dos Espíritos | 24 |
| Distribuição Gratuita | | |
| * | | |

Registo nº.211720

Depósito Legal Nº. 13972

EDITORIAL

Hoje, quando escrevemos, é o décimo dia do novo ano há pouco começado, e, dos 365 dias que ele nos “oferece”, cada um será aquilo que dele quisermos fazer: dias de sol – luz -, dias de esperança, coragem, determinação, dias de provas e de desânimo, mas, também, de lutas e resoluções – que podem ser positivas ou negativas, incentivando-nos ou “atirando”! com a nossa disposição para um qualquer canto, onde ficaremos inactivos, sem forças para tentarmos seguir em frente.

Somos ainda tão imperfeitos que à menor contrariedade, em vez de cerrarmos os dentes e tentarmos seguir em frente, vencendo mais esse obstáculo da nossa jornada, deixamos que os ombros descaiam como se não tivéssemos mais forças para o novo combate que se anuncia... e, no entanto, a vida de cada um é feita de etapas que tentamos vencer com esperança e alegria – mesmo quando afirmamos, com desânimo, que já não temos forças para lutar mais!

Somos “gentes” que, com facilidade, cruzam os braços – esperando que outros resolvam por nós aquilo que temos de ser nós a resolver, já que ninguém carrega, por nós, a nossa cruz... e não podemos esquecer-nos que, se ela é pesada, se o seu peso nos vence, a culpa é só nossa que a carregámos não só de acções e pensamentos absolutamente dispensáveis, como fomos acumulando, levianamente, erros atrás de erros, porque... amanhã já faremos melhor!

Então, neste novo ano agora começado – e que seja um BOM ANO para cada um que nos ler e, em especial, para toda a

humanidade – sejamos mais responsáveis em tudo o que fizermos e quando chegar o último dia de 2018, notaremos que, sem sabermos como, fomos bem mais felizes e tivemos bem mais paz que no ano anterior! É que tudo depende de nós, do nosso querer, do que quisermos fazer dos nossos dias – ou antes – das horas de cada dia!

Lembremo-nos que Deus nos concedeu a inteligência para TUDO e não apenas para aquilo que nos apetece e que, por vezes, nem é o que nos fará melhor: sejamos - ou aprendamos a ser – coerentes com a razão e analisemos melhor, por antecipação, tudo aquilo que intentarmos ou pensarmos fazer – para que as nossas acções deixem de ser eivadas de erros, como tem acontecido até agora.

Se queremos ser felizes, aprendamos a construir a nossa felicidade, certos de que o Senhor nos ajudará sempre, quando intentarmos agir no bem e no Amor. É que a recomendação de Jesus “Amem-se uns aos outros como eu vos amei” é a CHAVE de uma conduta correcta, que só levará à paz e harmonia entre todos – e com paz e harmonia, todos aprenderemos a mantermo-nos equilibrados e a enfrentar o dia a dia com SOL NA ALMA!

Bom ano para todos!

A DIRECÇÃO

*

DISCURSO NO TÚMULO DE ALLAN KARDEC, POR CAMILLE FLAMMARION

(Continuação)

Contemplai, por exemplo, a luz neste momento difundida na atmosfera por este brilhante sol; contemplai este azul tão suave da abóbada celeste; apreciái estes eflúvios de ar tépido, que nos acariciam as faces; reparai nestes monumentos e nestes campos e, por mais que tenhamos os olhos abertos, nada vemos do que aqui se passa!

De cem raios de sol apenas um terço é acessível à nossa vista, directamente ou reflectidos por estes corpos; os dois terços existem e agem junto de nós, mas de modo invisível, embora real. São quentes, conquanto não sejam luminosos para nós e são muito mais activos do que aqueles que nos tocam, produzem as acções químicas. São eles que elevam, sob forma também invisível, o vapor de água na atmosfera, de que se formam as nuvens; exercendo assim, incessantemente, em torno de nós e de maneira oculta e silenciosa, um movimento colossal, comparável ao esforço de milhares de cavalos.

Se os raios caloríficos e químicos, que agem constantemente na natureza, nos são imperceptíveis, é porque os primeiros ferem lentamente, e os segundos rapidamente a nossa retina. Os nossos olhos só percebem os objectos entre dois limites, aquém e além dos quais nada vêem.

O nosso organismo terrestre pode ser comparado a uma harpa de duas cordas, que são o nervo óptico e o auditivo. Uma certa espécie de movimento põe em vibração o primeiro, e outra espécie diferente, o segundo. Vai nisso toda a sensação humana, mais fraca que a de certos seres vivos, de certos insectos, por

exemplo, nos quais as cordas da vista e da audição são mais delicadas.

Ora, na natureza existem, na realidade, não duas mas dez, cem, mil espécies de movimentos. A física ensina, pois, que vivemos no meio de um mundo invisível e que ao é impossível que seres, igualmente invisíveis, vivam na Terra com sensações absolutamente diferentes das nossas, sem que lhes possamos apreciar a presença, salvo quando se nos manifestam por factos pertencentes à ordem das sensações.

Diante de tais verdades, que começam a bruxulear, quanto é absurda e sem valor a negação **a priori!**

Quando se compara o pouco que sabemos e a exiguidade da nossa esfera de percepção, à quantidade do que existe, não se pode deixar de concluir que nada sabemos, que tudo nos falta conhecer.

Com que direito, pois, pronunciaremos a palavra “impossível” diante dos factos que testemunhamos, sem podermos descobrir a causa única?

A ciência fornece-nos dados tão autorizados como os precedentes sobre os fenómenos da vida e da morte e sobre a força que nos anima. Basta-nos considerar a circulação das existências.

Tudo é metamorfose. Em seu eterno curso, os átomos constitutivos da matéria passam incessantemente de um a outro corpo, do animal ao vegetal, da planta à atmosfera, da atmosfera ao homem, e o nosso corpo, durante a vida, muda constantemente de substância constitutiva, como a chama, que não brilha senão pela constante renovação de elementos; e,

quando a alma o dispa, esse corpo, tantas vezes transformado, entrega definitivamente à natureza todas as suas moléculas para não mais retornar.

O absurdo dogma da ressurreição da carne é substituído hoje pela alta doutrina da transmigração das almas.

Vêde este sol de Abril, que brilha nos céus e que nos inunda com os seus raios vivificadores. Acordam as campinas, desabrocham os primeiros rebentos das árvores, floresce a primavera, sorri o azul celeste e a ressurreição opera-se por toda a parte. Entretanto, é da morte que surge toda esta vida; é das ruínas que lhe provém a animação!

Donde vem a seiva destas árvores, que reverdecem em campo de mortos? Donde vem a humidade que lhes alenta as raízes? Donde todos os elementos que lhes fazem aparecer, nas carícias de Maio, as flores silenciosas e os passarinhos cantadores?

Vêm da morte!... meus senhores; vêm desses cadáveres sepultados na noite sinistra dos túmulos!

(Conclui no próximo número)

(In: OBRAS PÓSTUMAS, edição Lake – S. Paulo, Brasil).

*

ESPIRITISMO : O CONSOLADOR PROMETIDO

O Espiritismo ensina-nos a conjugar, na prática, os verbos: amar e conhecer

“(...) Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador” – JESUS . – (Jo., 14:15).

O avanço tecnológico está - hodiernamente – realizando maravilhas!... Sem embargo, o ser humano continua perdido no intrincado bátrio existencial, movendo-se com dificuldade em busca da saída do labirinto que o ameaça com suas estreitas paredes.

Pressionado pelos factores externos e injunções internas do ‘*Self*’ profundo, perde-se o homem no vórtice dos interesses palpáveis do materialismo em detrimento dos “Tesouros do Céu”, inalienáveis quão imperecíveis.

As religiões tradicionais e as filosofias não oferecem soluções que lhe estabilizem as emoções no patamar da serenidade...

Dois verbos precisam ser conjugados em todos os tempos e modos a fim de que o desiderato da existência possa ser atingido: *amar e conhecer*. Tal a proposta apresentada pela Doutrina Espírita e, por isso mesmo, dentre outras muitas razões, é ela o “*Consolador*” prometido pelo Meigo Pastor Celeste há dois milénios. O Espiritismo ensina-nos a conjugar esses dois verbos que, aliados ao trabalho incessante no Bem com Jesus, facultar-nos-à a definitiva alforria espiritual.

Portanto, para que possamos encontrar a saída do labirinto existencial e, ao mesmo tempo, encontrar a “*porta estreita*” que oferece passagem aos remansos apriscos divinos, há que se percorrer as abençoadas páginas do Pentateuco Kardequiano, das quais podemos extractar as variegadas nuances das consoladoras mensagens dos Imortais, que nos indicam, com segurança, o roteiro a seguir.

Só assim encontraremos, finalmente, as pegadas d’Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida abundante...

Portanto, sem Jesus e Kardec, “Porta” e “Chave” de nossa emancipação espiritual, jamais lograríamos nos desenvencilhar das trevas nas quais estávamos mergulhados há milénios.

Notamos, assim, quão importante é a recomendação do Espírito de Verdade ¹: *Espíritas, amai-vos; espíritas, instruí-vos*, recomendação essa que vem rectificar aquela outra do Condutor Maior das nossas Almas, lavrada há dois milénios: *amai-vos uns aos outros*”.

Eis aí o roteiro da redenção que nos está assinalado pela misericórdia do Pai Celestial. A Doutrina Espírita oferece-nos o mapa para percorre-lo com segurança e sem desvios.

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho Seg. o Espiritismo*. 125 ed. Rio: FEB, 2006, cap. V, item 5, §5º.

ROGÉRIO COELHO
Manhuaçu – MG. – Brasi

AMA A TUA DOR

Paradoxalmente, anelavas pela paz, quando edificando o bem entre as criaturas humanas, e és defrontado pela incompreensão e repúdio.

Sentes desencanto ao constatares que os sagrados misteres a que te entregas são recebidos com acrimónias e suspeitas.

Desanimam-te os comportamentos daqueles nos quais confias, na grei onde mourejas, produzindo amarguras e mau-estar.

Entristece-te a maneira como te tratam os amigos da seara em que te movimentas, desconfiados em relação à tua entrega.

Constatas insanas competições onde deveriam multiplicar-se as cooperações, como se o labor pertencesse a cada um e a seara estivesse destituída de administrador e abandonada pelo Senhor.

Sentes cansaço e não consegues renovação íntima, diante da ausência de tempo hábil para a reflexão.

Pensavas que os corações afectuosos, que sorriem contigo, permaneceriam acessíveis ao teu nos momentos difíceis, constatando, porém, que o ego neles predomina, em relação ao colectivo no grupo em que te fixas.

Ocorrem-te a desistência e o retorno às tuas origens, porque o paraíso que acreditavas estar ao teu alcance, na convivência com os demais servidores, é somente uma aparência com os mesmos desvãos que encontravas no anterior convívio social por onde te movimentavas.

Sofres, porque anseias pela harmonia e acalentas o sonho da plena solidariedade, que se te apresenta muito distante...

Não te esqueças, porém, de que os santos e serafins transitaram também no corpo e alcançaram esse nível de evolução porque enfrentaram equivalentes ou mais ásperas refregas.

Ninguém atinge o altiplano sem a caminhada pelas baixadas sombrias e difíceis de acesso.

Revigora-te na luta, sendo tolerante para com todos e exigente para contigo mesmo.

O reino dos céus é construído com os materiais da renúncia e da compaixão, da bondade e da comiseração, sob o patrocínio do amor.

Repara a Natureza sacudida frequentemente pelos fenómenos destrutivos que a visitam, permitindo-lhe, logo depois, renovação, exuberância e beleza na produção dos tesouros da vida.

De igual maneira ocorre na floresta humana.

Não te desencantes, pois, com os outros que, por sua vez, também se permitem frustrações em relação a ti.

Se amas Jesus e o teu objectivo é servi-LO, abanca contente, conforme o fez o Irmão Alegria.

*

Ama a tua dor.

No momento em que o teu amor seja capaz de superar o sofrimento, sem rebeldia nem queixa, terás alcançado a meta que buscas.

A dor é um buril lapidador das anfractuosidades dos minerais duros dos vícios e dos arraigados hábitos infelizes.

Quem não enfrenta com harmonia interior os desafios da evolução, acautelando-se do sofrimento, permanece em lamentável estagnação que o conduz à paralisia emocional em relação ao crescimento íntimo.

Os caminhos do Gólgota, assim como os da Úmbria, ainda permanecem com sombras por cima e espinhos no seu leito, exigindo coragem e abnegação para serem percorridos com júbilo.

Vencê-los é o dever que a fé racional te impõe, a serviço de Jesus, a quem amas.

Se almejas alegria e bem-estar nos moldes profanos estás em outro campo de acção, mas se buscas o serviço com o Mestre de Nazaré, os teus são júbilos profundos e emoções superiores bem diferentes das habituais.

Não relaciones, pois, remoques e erros, antes aprende a retirar o melhor, aquela parte boa que existe em todos os seres humanos e enriquece-te com esses valores, sem te preocupares com a outra parte, a enferma, ainda não recuperada pelas dádivas da saúde espiritual.

Tem mais paciência e aprende a compreender em vez de censurar e exigir. Cada qual consegue fazer somente o que lhe está ao alcance, não dispondo de recursos para auto-superar-se no momento.

Jesus, Modelo e Guia da Humanidade, conviveu com mulheres e com homens bem semelhantes àqueles com os quais hoje partilhas a convivência, em labuta ao teu lado, suportando-se reciprocamente e dedicados ao amor.

Se, por acaso, sentes a subtil visita da intriga, da acusação e de outras mazelas que atormentam a sociedade, acautela-te, não lhes concedas guarida nem atenção; ignora-as e segue, irretocável, adiante.

Melhor estares na luta de sublimação, do que no leito da recuperação sob o impositivo de limites e restrições, impostos pelo processo de crescimento para Deus e para ti mesmo.

Em qualquer situação, alegra-te por te encontrares reencarnado, portanto, no roteiro da auto-iluminação.

Ama a tua dor e ela se te tornará amena, amiga, gentil e companheira da existência. E enquanto amas, trabalha pelo Bem, compensa-te com as bênçãos dos resultados óptimos que ofereças ao Senhor, que transitou por sendas idênticas e mais dolorosas que essas por onde segues.

Assim, continua em paz, viandante das estrelas que te aguardam no zimbório celeste.

Francisco de Assis amava as suas dores e transcendeu todos os limites, conseguindo demarcar os factos históricos com a renúncia, a simplicidade e as canções de inefável alegria.

E Clara, que lhe seguia o exemplo sublime, impôs-se dedicação integral e, ao partir da Terra, achava-se aureolada pelo sofrimento no qual encontrou a plenitude.

De tua parte, ama também a tua dor e experimentarás incomparável bem-estar.

JOANNA DE ÂNGELIS

(Psicografia de Divaldo P. Franco na sessão mediúnica de 16 de Dezembro de 2013, no Centro Espírita ‘Caminho da Redenção’, em Salvador, Bahia, e transcrita, com a devida vénia, do jornal espírita ‘Mundo Espírita’, de Novembro de 2017, da Federação Espírita do Paraná, Brasil.

*

VIAGENS ÀS TERRAS DA IGNORÂNCIA

... sei que nada sei! – SÓCRATES

Era uma vez um sábio. Um dia, sobraçando os seus pergaminhos, que o credenciavam como um dos maiores gênios da humanidade e enchendo com eles o seu alforge, partiu a caminho da Ignorância.

Dizia-se que esse país era adjacente a todos os continentes deste planeta e murmurava-se que na maioria dos casos, era inacessível aos grandes do mundo, que soem morar nos altos castelos.

Ao fim de muitos anos contados no dobrar implacável do Tempo, com os pés gretados nos ínvios caminhos da sua sapiência, deu consigo a interrogar-se, com uma sombra de dúvida a preocupar-lhe o espírito: - Saberei eu alguma coisa?...

Até que um dia, diviso por entre cerrada neblina os contornos da Ignorância. Viu-a. Era uma terra enorme, que tufava como um balão oco e arfante. A sua área tinha a configuração de uma abóbora em cujo interior uma tímida luzinha brilhava. Com coragem e decisão deambulou pelo espaço largo daquele país, que apresentava um censo demográfico invulgar e, de repente, a cucurbitácia começou a florir e dessa florescência brotaram muitas aboborazinhas e aquela luzinha que existia no seu âmago transfigurou-se em miríades de raios luminosos.

Do cérebro atormentado do sábio irradiaram, então, refulgências infinitas. A Ignorância sorria com humildade e ele exclamou: - Sei que sou um ignorante! Sei que sou um ignorante!...

Agora, sim, sabia que sabia alguma coisa!

JOÃO DE OLIVEIRA ANJO

Lobito, 1968.

QUANDO O HOMEM QUISER

Tu que dormes à noite na calçada ao relento
Numa cama de chuva com lençóis feitos de vento,
Tu que tens o Natal da solidão, do sofrimento,

És meu irmão, amigo, és meu irmão!
E tu que dormes só o pesadelo do ciúme
Numa cama de raiva com lençóis feitos de lume,
E sofres o Natal da solidão sem um queixume
És meu irmão, amigo, és meu irmão!

Natal é em Dezembro
Mas em Maio pode ser,
Natal é em Setembro
É quando o homem quiser
Natal é quando nasce
Uma vida a amanhecer,
Natal é sempre o fruto
Que há no ventre da mulher.

Tu que inventas ternura e brinquedos para dar,
Tu que inventas bonecas e comboios de luar
E mentes ao teu filho por não os poderes comprar
És meu irmão, amigo, és meu irmão!
E tu que vêes na montra a tua fome que eu não sei
Fatias de tristeza em cada alegre bolo-rei,
Pões um sabor amargo em cada doce que eu comprei...
És meu irmão, amigo, és meu irmão!

ARY DOS SANTOS

(In: 'As palavras das Cantigas').

SÊDE PERFEITOS...

Não sabemos se a história foi real, mas serve de tema às
nossas palavras de hoje...

O caso passa-se num quarto com duas camas, num qualquer hospital: uma das camas situava-se do lado da porta, a outra do lado da janela...

O doente acamado do lado da janela todos os dias, após a abertura da mesma, descrevia para o outro o que via da sua cama, e ele referia o lago, os passeantes que passavam por entre as alamedas do jardim, aqueles outros que se sentavam nos bancos, ao sol, conversando uns com os outros, as crianças que os pais levavam a brincar e corriam, umas atrás das outras, rindo e correndo... tudo aquilo que se tornava, afinal, uma manifestação de vida – e de saúde – bem diferente da que tinham os doentes acamados no hospital. Outras vezes, referia o lago com os patinhos, fazendo cabriolices nas águas paradas, que eles movimentavam com as suas brincadeiras, enquanto as crianças olhavam, encantadas, os movimentos....

E aquele outro doente – o do lado da porta – ouvindo todos os dias – às vezes mais do que uma vez – aqueles relatos que o outro ia fazendo, começou a desejar para si aquela cama que lhe dava uma oportunidade diferente de saber o que ‘lá fora’ se passava...e, ultimamente, quando aquelas descrições começavam, ele já as escutava com raiva, parecendo-lhe que elas aconteciam para provocarem a sua paciência!

O outro doente era cardíaco e, uma noite, sentindo-se muito mal, pediu ao companheiro que lhe chamasse uma enfermeira... Pediu e pediu, mas o outro fez-se surdo e não o atendeu, pensando: se ele continuasse a sentir-se mal, acabariam por o levar para outra enfermaria e ele pediria aquela cama para ele! Então, fingiu que dormia... e de manhã, quando a enfermeira entrou no quarto para ministrar os medicamentos receitados a cada um, ela verificou que o doente do lado da

janela tinha falecido durante a noite sem ter chamado por auxílio e que o corpo já se encontrava totalmente frio.

Aberta a cortina que separava os dois leitos, para não incomodar o doente do lado com os trâmites a seguirem, só da parte da tarde – ou antes, bem perto da hora do almoço – uma das empregadas da limpeza apareceu com roupa lavada, para trocar a da cama, respondendo à pergunta que o outro doente lhe fez: sim, já havia um outro doente destinado àquele leito, que a enfermaria estava cheia e as camas não chegavam para todos os que tinham tido baixa.

- Será que – perguntou o acamado – será que poderia trocar de leito e passar para o lado da janela? Aquele lugar parecia mais arejado...

- Sem qualquer problema, respondeu a empregada. Trocamos o n.º da cama, para não haver confusões... e, por não ser dia de mudança de roupas, ela fazia a cama vaga com as roupas da cama usada e colocaria as lavadas na cama do lado da porta...

E assim fez, numa boa vontade que cativava por inusitada.

Prestes a sair, depois de tudo arrumado, ela escutou o apelo do doente, que lhe pediu se lhe abria a janela, para entrar mais ar... e poder distrair-se vendo as pessoas no jardim em frente.

A empregada soltou uma gargalhada.

- Jardim? Qual jardim? O que havia do outro lado da rua era apenas um muro alto – altíssimo! – que cortava toda e qualquer visibilidade que fosse possível ter-se.

- Mas – retorquiu o acamado – o outro doente falava todos os dias de um jardim, dos passeantes, das crianças que corriam a brincar... e até do lago com cisnes?

- Mas ele não podia vê-los, por causa do muro... além de que, mesmo que o muro não existisse, ele não os veria na mesma: ele era cego!

E com esta resposta saiu, deixando o doente que escutara, admirado, a informação.

O outro era cego? Então, ele fizera o que fizera devido à imaginação de quem nada via, e passava o tempo a inventar coisas que não podiam concretizar-se na sua retina? Imbecil que ele fora, acreditando em tudo o que escutara!

E nem percebia, ou queria ver, na sua revolta, que o outro, com as descrições que fazia, com as fantasias que criava, lhe alegrava os dias cinzentos, obscurecidos pela doença que os atirara, aos dois, para um leito hospitalar.

*

Muitos de nós, na nossa imperfeição, ainda somos assim: acreditamos em tudo o que escutamos e porque “eu também quero, também tenho direito” fazemos de tudo para obter o que aparentemente pertence ao próximo, sem nos preocuparmos, muitas vezes, com o crime que cometemos para o conseguirmos. A nossa imperfeição, aliada à inveja, quando não ao ciúme, levamos a agir criminosamente, sem que a nossa consciência nos grite a advertência necessária a suster-nos o gesto, que a lembrança dos ensinamentos do Divino Amigo seria suficiente para se deter.

Criamos, à nossa volta muros altos, que nos cortam a visão, enquanto a advertência-conselho de Jesus se vai repetindo, sem que a escutemos:

- Sêde perfeitos, como Meu Pai que está nos Céu, é Perfeito!

MANUELA VASCONCELOS

*

O ALZHEIMER SOB A ÓPTICA ESPÍRITA

A doença de Alzheimer, assim chamada por ter sido descrita pela primeira vez pelo psiquiatra alemão Alois Alzheimer em 1906, consiste num grave distúrbio mnemónico ainda pouco conhecido pela ciência actual em toda a sua complexidade. Caracteriza-se pelos esquecimentos bastante pronunciados, sobretudo da chamada “memória recente”. A partir de determinado momento, os sintomas vão-se agravando e o paciente passa também a perder a lembrança dos factos mais distantes no tempo, isto é, a “memória distante”. Por último, o indivíduo perde a chamada “memória da rotina”, deixando de conseguir fazer as tarefas triviais do quotidiano, precisando de alguém que o ajude. É por esta razão que os médicos e terapeutas recomendam que os pacientes mantenham a rotina, para que não seja afectado o desempenho das actividades corriqueiras do dia a dia.

Exemplos drásticos desta patologia são, por exemplo, os casos em que os pacientes passam a guardar o relógio ou o telefone dentro do frigorífico, ou dos homens que durante toda a vida fizeram perfeitamente o nó da gravata ou amarraram os

cordões dos sapatos e que, a partir de certa altura, passam a deixar que os saber fazer.

A doença pode ocorrer precocemente (como, por exemplo, em alguns pacientes com Síndrome de Down) e, como tal, é supostamente associada à hereditariedade. No entanto, regra geral, o Alzheimer aparece em pessoas já com uma certa idade – frequentemente a partir dos 65 anos – e aqui não haveria qualquer correlação genética. Há, ainda, vários casos de início precoce, isto é, a partir dos 45 anos.

Uma das especificidades do Alzheimer é que, habitualmente, o seu diagnóstico é feito por exclusão de partes, isto é, a partir da eliminação de outras hipóteses para os sintomas de esquecimento apresentados pelos pacientes. E isto acontece porque as opções de busca do seu diagnóstico frequentemente envolvem métodos muito invasivos – como é o caso da biopsia cerebral – pelo que, obviamente, não é este o procedimento inicial por parte dos médicos especialistas.

As medidas preventivas mais recomendadas são: a actividade física; procurar ter uma óptima condição cardio-respiratória; evitar ao máximo e, se acontecer, controlar rigorosamente os sintomas do diabetes; a realização de trabalhos intelectuais, em que se recomende, entre outros, fazerem palavras cruzadas e resolver quebra-cabeças.

Os estudos levados a cabo pela Associação Médico-Espírita do Brasil. Através da médica geriatra Dra. Alessandra Granero e do médico e professor universitário, Dr. Décio Landoli Júnior, autor de livros espíritas, têm levantado – no que se refere ao Alzheimer – algumas hipóteses de causas espirituais, baseados em estudos sistemáticos de obras espíritas, tais como as obras de André Luiz. Estes estudiosos têm citado a rigidez de carácter (a

inflexibilidade), a culpa, os processos obsessivos graves, a depressão e os sentimentos doentios, tais como o ódio e a mágoa (sobretudo quando mantidos a médio e longo prazo), como as causas espirituais para o aparecimento da doença de Alzheimer.

É interessante notar que, aparentemente, as características intelecto-morais relacionadas com a religiosidade não são facilmente perdidas, pelo menos nas fases iniciais da doença, o que permite com mais facilidade recorrer a terapias espirituais efectivas contando com a participação activa do paciente.

Obviamente, o papel da família em doenças deste tipo é fundamental, quer para a melhoria da qualidade de vida do paciente, quer para as questões espirituais, porque muitas vezes o grupo familiar está associado às causas cármicas que podem estar na raiz do problema.

Há estudos recentes que indicam que a memória perdida pelo Alzheimer pode ser recuperada. Os resultados parecem indicar umas primeiras evidências de que a doença não destrói especificamente as memórias, mas sim que as torna inacessíveis.

O acompanhamento espiritual também é fundamental para a família, porque os seres queridos sofrem muito com o paulatino “distanciamento do ser amado, que passa por um processo lento mas constante de perda de interacção cognitiva com os parentes e amigos. Há quem chegue a dizer que se trata de um lento e gradual “processo de desencarnação”.

De acordo com André Luiz no livro “Acção e Reacção”, as tarefas desenvolvidas na terceira idade repercutem muito na nossa futura condição espiritual na erraticidade, pelo que devemos considerar que há responsabilidade no esforço que for feito – mesmo que aparentemente não dê resultados – pelos

familiares, amigos e terapeutas para a melhoria das pessoas que estão a passar por essa prova. A necessidade do trabalho intelectual e a tendência para a depressão mostram que é imprescindível um grande esforço para realizarem tarefas de nível intelecto-moral.

As prováveis causas espirituais – tais como os processos obsessivos e as atitudes de intransigência moral, entre outras – indicam a necessidade de um esforço constante de esclarecimento espiritual, se possível, com a leitura diária de páginas evangélico-doutrinárias, e também de frequentarem semanalmente uma Casa Espírita, para lhes ser administrado um tratamento através de passes e água fluidificada.

LEONARDO MARMO MOREIRA

(In: Revista Espírita Verdade e Luz, n.º. 75, Nov.º./Dez.º de 2017, do Centro Espírita Batuira, de Algés, de onde o transcrevemos com a devida vénia).

*

PESSOA MENOS OBSEDÁVEL

não espera milagres de felicidade, inacessíveis aos outros, mas regozija-se pelo facto de viver com a possibilidade de trabalhar.

Ama sem exigências, aceitando as criaturas queridas como são, sem pedir-lhes certificados de grandeza.

Suporta dificuldades e provações, percebendo-lhes o valor.

Não adota cinismo e nem preconceito em seus padrões de vivência, conservando o equilíbrio nas atitudes e decisões, dentro do qual sabe ser útil, com tranquilidade de consciência.

Estuda para discernir e não age impulsivamente, subordinando emoções ao critério do raciocínio.

É firme sem fanatismo e flexível sem covardia.

Acolhe as críticas, buscando aproveitá-las.

Não interfere nos negócios alheios, centralizando o próprio interesse no exercício das obrigações que a vida lhe assinalou.

Aprende a entesourar valiosas experiências, à custa dos próprios erros.

Não cultiva hiper-sensibilidade neurótica, e, em consequência, desliga-se com a maior facilidade de quaisquer influências perturbadoras, entrando, de maneira espontânea, no grande entendimento dos seres e das coisas, dentro do qual se faz tolerante e compassiva, afectuosa e desinteressada de recompensas para melhor compreender a vida e desfrutar-lhe os infinitos bens.

ANDRÉ LUIZ

(In: ‘Meditações Diárias’, psicografia de Francisco C. Xavier, págs. 108/110).

*

A COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

O profetismo é prática milenar, conforme se constata no verbete *profeta*, na Enciclopédia Britânica, na sua edição original.

Quando se fala em comunicação com os mortos, há dois pontos interessantes a serem observados: primeiro, há os que dizem ser tal prática condenada *pela palavra de Deus*, citando a proibição contida no Deuteronomio, cap. 18:10 a 13. Em verdade, não se trata de *palavra de Deus*, mas de recomendação pertencente à legislação moisaica; segundo, é interessante atentar-se para o facto de que a proibição comprova efectivamente o intercâmbio com os mortos, pois se existiu a proibição é porque existia o facto. É de senso comum que uma legislação que regula ou proíbe algo, sempre surge à *posteriori* e não à *priori*, ou seja, é feita sempre sobre um facto já existente. Logo, se Moisés proibiu, é porque existia.

Deve ser lembrado de que a proibição de Moisés visava a coibir o abuso daqueles que mantinham o intercâmbio, usando-o para fins frívolos ou para a solução de problemas pertencentes à esfera das decisões dos homens e não dos Espíritos. Diga-se, de passagem, que o Espiritismo – que não proíbe nada – desaconselha o intercâmbio mediúnico para esses mesmos fins, esclarecendo que Espíritos superiores não se envolvem nesses assuntos, tão ao agrado de Espíritos frívolos e desocupados.

Há, também, aqueles que se baseiam na filosofia tomista, que afirma a imortalidade da alma, mas que esta não tem vida plena sem o corpo, considerando-o seu instrumento indispensável, a ser readquirido na ressurreição, para o julgamento final. Não se sabe como Tomás de Aquino explicaria o facto de dois espíritos desencarnados, Moisés e Elias, sem corpo material, terem conversado com Jesus na presença de Pedro, Tiago e João (Mat., 17:1 a 9).

Não vamos invocar o testemunho de cientistas que pesquisaram o fenómeno mediúnico e produziram farto material bibliográfico a respeito. Argumentaremos exclusivamente dentro da Bíblia, na tradução de João Ferreira de Almeida, da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, edição de 1937. Citamos o ano da publicação pelo facto de essa mesma tradução já ter sofrido algumas *actualizações*.

No Velho Testamento, (I Sam., 28), sob o título *Consulta à pitonisa de Endor*, vemos uma autêntica comunicação do profeta Samuel, que fora, quando encarnado, conselheiro do rei Saul. Este, na iminência de uma batalha, ressentindo-se da ausência do seu conselheiro, que desencarnara, ordenou fosse procurada uma evocadora de espíritos. Aparece-lhe Samuel, que o aconselha a não entrar na batalha contra os filisteus, sob pena de morrerem ele e seus filhos. Saul, que não fora buscar conselho, mas apoio, sentindo-se desamparado, caiu desmaiado. Embora seriamente advertido, entrou na batalha, onde pereceu, juntamente com seus filhos.

No Novo Testamento (At., 16:9), há o relato de uma visita feita a Paulo, por um homem que, liberto do corpo físico pelo sono, comunicou-se com ele: *E Paulo teve de noite uma visão, em que se apresentou um varão da Macedónia, e lhe rogou, dizendo: Passa à Macedónia, e ajuda-nos*. Nos versículos seguintes, vê-se

que Paulo foi atender o pedido, vez que encaminhou-se à Macedónia.

Em Atos (10:30 a 32), está claramente relatada a comunicação de um Espírito desencarnado, directamente dirigida a um homem, sem ao menos usar o corpo físico de um médium, conforme relato do centurião Cornélio a Pedro: *Há quatro dias, estava eu em jejum até esta hora, orando em minha casa, à hora nona, e eis que diante de mim se apresentou um varão com vestes resplandecentes, e disse: “Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas estão em memória diante de Deus. (...) e manda chamar Simão, que tem de sobrenome Pedro: este está em casa de Simão, o curtidor, junto do mar, e ele, vindo, te falará.”*

Pedro estava no terraço na casa de Simão, o curtidor, quando chegou a comitiva que viera convidá-lo. No momento em que chegar4am os enviados de Cornélio, Pedro recebe a seguinte orientação de um Espírito: *Levanta-te, pois, e desce, e vai com eles, não duvidando; porque eu os enviei.* Essa comunicação foi oportuna porque Pedro não atenderia o chamado de um romano, pelo facto de os discípulos de Jesus acreditarem, até àquela época, que a mensagem de Jesus deveria ser divulgada somente entre os judeus.

Outra comunicação de Espíritos se deu com as mulheres que foram preparar o corpo de Jesus para a sepultura, na manhã daquele memorável domingo: *E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus. E aconteceu que, estando elas perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois varões, com vestidos resplandecentes (...) lhes disseram: “Porque buscais o vivente entre os mortos?”* (Lc., 24:3 a 5).

É interessante notar que os Espíritos, em vários relatos no Novo Testamento, apareceram com vestes resplandecentes, talvez

para que não ficassem dúvidas de que se tratava mesmo de Espíritos desencarnados.

A comunicação recebida pelo centurião Cornélio também demonstra esse mesmo cuidado observado pelo Espírito comunicante, conforme se depreende do relato do romano a Pedro, na passagem acima citada.

O Apóstolo Paulo – a maior autoridade em assuntos mediúnicos nos tempos apostólicos – deixou instruções seguras a serem seguidas por aqueles que pretendessem estabelecer o intercâmbio, como se lê na sua Primeira Carta aos Coríntios: *Segui a caridade, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar.* (14:1). Num trecho desse mesmo capítulo, que o tradutor intitula: *A necessidade de ordem no culto*, está perfeitamente caracterizada uma reunião mediúnica, para a qual Paulo dá orientação segura, no sentido de preservar a objectividade, precavendo-se contra o estrelismo dos médiuns: *E se alguém falar lingua estranha, faça-se isso por dois, ou quando muito por três, e por sua vez, e haja intérprete.* (27). E, a fim de evitar o deslumbramento, deixa outra recomendação: *E falem dois ou três profetas e os outros analisem* (29). No capítulo 12, descreve os vários tipos de mediunidade, como seja, a psicofónica, a de falar línguas estranhas, a de cura e até a intuitiva – a ser exercida pelo dirigente da reunião mediúnica, que ele intitula *o dom de discernir os espíritos*.

Cumpre notar, também, que Jesus não disse uma palavra sequer no sentido de condenar a comunicação com os mortos, pois seria uma incoerência, diante do facto acima citado, narrado por três evangelistas (Mt., 17:1 a 9; Mc., 9:2 a 13; Lc., 9:28 a 36), que se referem ao diálogo que Jesus manteve com dois desencarnados: Moisés e Elias, na presença de Pedro, Tiago e João.

A Enciclopédia Britânica diz que *profeta* em grego clássico quer dizer *aquele que, ao falar, não o faz com pelos seus pensamentos, mas por uma revelação* de fora. Cita Platão: *Não devem ser chamados profetas aqueles que simplesmente interpretam oráculos.*

Em verdade, em todo o Novo Testamento não há uma linha sequer condenando a comunicação com os mortos. A literatura existente nesse sentido provém da interpretações equivocadas de teólogos, que vêem os factos como lhes convém. Além do mais, não há mortos, mas apenas Espíritos encarnados e desencarnados.

JOSÉ PASSINI

(In: Jornal ‘Mundo Espírita’, da Federação Espírita do Paraná, Brasil, em Agosto de 2017, de onde o transcrevemos com a devida vénia).

*